

VERISSIMO

SEGUNDA-FEIRA
LÚCIA GUIMARÃESTERÇA-FEIRA
ARNALDO JABORQUARTA-FEIRA
ROBERTO DAMATTAQUINTA-FEIRA
LUIS FERNANDO
VERISSIMOSEXTA-FEIRA
IGNÁCIO DE LOYOLA
BRANDÃO
MILTON HATUOMSÁBADO
LAURA GREENHALGH
MARCELO RUBENS
PAIVA
SÉRGIO AUGUSTODOMINGO
VERISSIMO
JOÃO UBALDO RIBEIRO
HUMBERTO WERNECK
FÁBIO PORCHAT

Sem intimidades

A escrita nasceu da necessidade de não esquecer. O primeiro hominídeo que pensou “preciso me lembrar disto” deve ter olhado em volta e procurado alguma coisa que ele não sabia o que era. Era lápis e papel, que ainda não tinham sido inventados. A angústia primordial da humanidade foi a de perder o pensamento fugidio. Imagine quantas boas ideias não desapareceram para sempre por falta de algo que as retivesse na memória e no mundo. A história da civilização teria sido outra se, antes de inventar a roda, o homem tivesse inventado a Bic e o bloco de notas.

As espécies que não desenvolveram a escrita se valem da memória instintiva. O salmão sabe o caminho do lugar onde nasceu sem consultar um parente ou um mapa. Já o homem pode ser definido como o animal que precisa consultar as suas notas. Nas sociedades não letradas as lembranças sobrevivem na recitação familiar e nos mitos

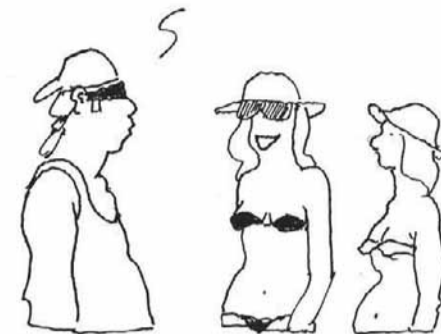
tribais, que são a memória ritualizada. Todas as outras dependem do memorando. Mas mesmo com todas as formas de anotações inventadas pelo homem desde o tempo das cavernas, inclusive, hoje, o “notebook” eletrônico, a angústia persiste.

O que está aí em cima é o resumo de um texto que escrevi há anos, depois de ter uma ideia para crônica, confiar que bastaria anotar uma frase para me lembrar da ideia – e imediatamente esquecê-la. Eu já havia desistido de ter um bloco de notas sempre à mão para o caso de sonhar com uma boa ideia ou ter um lampejo criativo, porque minha experiência era que nenhuma ideia sonhada resiste à luz do dia e os lampejos aproveitáveis aconteciam invariavelmente no chuveiro. Mas desta vez o lampejo foi num lugar seco e anotei a frase: “Conhece-te a ti mesmo, mas não fique íntimo”. Boa, boa. Só que quando sentei para escrever a crônica a frase tinha perdido o sentido. Não me ajudava a me lembrar de nada. E não me lembrou

Família Brasil

SOBRE O QUE O BOCA TANTO CONVERSA?

DEVE SER SOBRE O TEMPO

COM ESTE CALOR
VOCÊS DEVERIAM USAR
MENOS ROUPA!

de nada até agora, quando, por acaso, a vi escrita num bloco de notas antigo e finalmente me entendi.

O que eu quis dizer, eu acho, é que é positivo e saudável o ser humano se conhecer, desvendar todo os seus mistérios e exorcizar todas as suas culpas, com ou sem orientação científica ou religiosa. Ou será que é mesmo? Talvez o conselho mais prático e racional

seja se conhecer, sim, mas evitar muita intimidade com esse ser que atende pelo nosso nome, tem os mesmos pais e o mesmo CPF, torce pelo mesmo time e nos levará junto quando morrer. Como em qualquer relacionamento humano, nas nossas relações com nós mesmos deve haver um certo recato, e cuidado para evitar mal-entendidos. Familiaridade demais pode gerar desprezo e revolta. Quem sabe o que nos

espera lá no fundo sombrio, nos nossos mergulhos de autoconhecimento? Melhor ficar na superfície, que é mais clara e tranquila.

Junto com a frase anotada anos atrás há outra, também para me lembrar de uma ideia para crônica. A frase é: “O abacaxi é fruta a contragosto”. Mas esta eu não tenho a menor ideia do que queria dizer.

Visuais Fotografia

Sheila Lerner

ESPECIAL PARA O ESTADO
PARIS

Além de ser uma exposição grandiosa de obras originais, a retrospectiva inédita Henri Cartier-Bresson, inaugurada na última semana no Centro Pompidou, a primeira na Europa após o desaparecimento do mestre, tem três grandes méritos. Primeiro, é a revelação comovente das inúmeras e desconhecidas facetas de um percurso de 70 anos, totalmente oposta às aproximações “unificadoras” que tentaram colocá-lo até agora dentro de uma mesma entidade estilística. Segundo, restitui a “aura” da fotografia como objeto exclusivo, questionando a ideia benjaminiana da reprodutibilidade técnica. Por último, constitui a perfeita demonstração do que é, e não é, a fotografia enquanto arte, em nossos dias.

“Entrevista? Não, eu não dou entrevistas, você pode fazer uma crítica do meu trabalho, se quiser, mas não me interessa o lado anedótico das conversas.” Quando, a despeito destas primeiras palavras que ouvi dele em 1996, consegui convencê-lo a conceder uma exclusiva para a série *Encontros Notáveis do Caderno 2*, eu não imaginava quem era de fato Henri Cartier-Bresson. Assim como ainda não fazia ideia dos seus deslocamentos estéticos e vivenciais, oito anos depois, quando ele faleceu e escrevi o seu necrológico, também para o *Caderno 2*.

Todos conhecemos desde sempre a obra e as afinidades do “olho absoluto do século”, o gênio da composição e da intuição visual. Estamos convencidos que suas imagens são um milagre de equilíbrio e inteligência e continuamos a alimentar o seu mito de “mestre do instante decisivo”, autor da famosa *Derrière la gare Saint-Lazare*, que é uma daquelas fotos suspensas no tempo.

Porém, as cinco centenas de fotografias, desenhos, pinturas, filmes e documentos desta retrospectiva prodigiosa – da maneira como foram escolhidas, montadas e exibidas – são tão incomparáveis a tudo que vimos

até agora, que todas as nossas referências parecem supérfluas. Descobrimos muito mais do que isso. Descobrimos a verdade do homem.

O verdadeiro Cartier-Bresson é um personagem muito mais complexo, resultado de diversas influências. São vários Cartier-Bresson, dentro de uma alquimia muito complicada. A exposição traça, em oito segmentos cronológicos,



Alquimia em imagens

a aventura do filho de um grande industrial que revela desde cedo uma curiosidade e um talento ímpares, e escapa do seu destino burguês para seguir o caminho da liberdade e da experimentação. A vida dele parece um puzzle, no qual cada pedaço se encaixa para formar um sentido.

A trilha forma um romance coerente, rico e fascinante, onde multiplicam-se as descobertas, as tentativas, os encontros simbólicos, o aprendizado da pintura com André Lothe, a geometria e a proporção áurea e finalmente a decisão definitiva de “ser um fotógrafo”. Do conta-

do com o surrealismo, surgem os motivos emblemáticos do seu imaginário (objetos embrulhados, corpos deformados, pessoas adormecidas, etc) e sobretudo a “atitude surrealista”: espírito subversivo, gosto pelo jogo, pelo inconsciente, pela digressão e o acaso. Ele é sem dúvida um dos fotógrafos mais autenticamente surrealistas da sua geração.

Política. De começo, a sigla HCB é associada à da Magnum, agência que ele funda em 1947 com o amigo Robert Capa. Descobrimos aqui a importância da política na vida do fotógrafo. Engajado e militante, quanto mais ele se politiza à esquerda, mais as suas imagens tornam-se realistas e con-

tinentes, e mais irreverente ele é nas posições assumidas. Quando fotografa a coroação do rei Jorge VI em Londres (1937), num momento de crise, por exemplo, é o olhar das pessoas, não o rei, que o atrai. O mesmo ocorre nas fotos esportivas, onde os espectadores ou um ciclista lendo jornal (*Corrida de Bicicleta, Os 6 dias de Paris*) interessa muito mais do que a competição em si.

Deambulando pelo seu século, o olhar deste fascinado passeador – e lúcido correspondente das maiores revistas da época, que odiava fotos coloridas – percorre a África, cruza o destino trágico dos republicanos espanhóis, acompanha a Liberação de Paris, capta a lassidão de Gandhi algumas ho-

Na mostra. Fotógrafo estava sempre em busca de um olhar focado nos bastidores, longe do óbvio



FUNDAÇÃO CARTIER-BRESSON/DIVULGAÇÃO

Exposição em Paris recupera as múltiplas influências no trabalho de Henri Cartier-Bresson



ras antes do seu assassinato, testemunha a China de Mao, a URSS pós-Stálin, México, Estados Unidos e Cuba. Cartier-Bresson namora com o cinema, assiste Jean Renoir em três grandes filmes. E fixa as imagens de seus contemporâneos essenciais – Mauriac em levitação mística, Giacometti ou Sartre como personagens da suas próprias obras, Faulkner, Camus e tantos outros cujos retratos ficam agora para a eternidade.

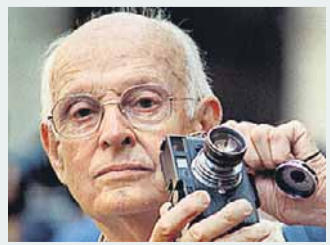
Bastidores. O mestre tinha a rara capacidade de perceber (e entender) rapidamente o que se passava em cada lugar, momento, e nos bastidores de cada evento. Paralelamente ao trabalho engajado ou jornalístico, tecia uma espécie de antropologia visual admirável. Onde quer que estivesse fazia, por conta própria, séries de imagens, como se fossem enquetes temáticas ou transversais, sobre questões da sociedade. Era, segundo ele, uma “combinação de reportagem, filosofia e análise social e psicológica”.

O final da exposição é um pouco melancólico. A partir dos anos 70, o fotógrafo encontra a sua futura mulher, descobre o budismo e “deixa a calçada” para cuidar da sua celebridade. E também deixa a Magnum para supervisionar os seus arquivos, vender tiragens, exibi-las e publicar livros. Realiza apenas ocasionalmente algumas imagens mais contemplativas. É nos museus, a desenhar, que passa a maior parte do seu tempo. A fotografia, para ele, é um “pequeno ofício”. Como se o desenho e a pintura fossem, de fato, a única maneira de transcender o real que ele “observava, observava e, pelos olhos, compreendia”. Talvez Cartier-Bresson tivesse razão.

QUEM É

Henri Cartier-Bresson
FOTÓGRAFO

* Nascido em agosto de 1908, foi um dos mais celebrados fotógrafos da história. Em 1947, fundou a lendária agência Magnum ao lado de Robert Capa. Morreu em agosto de 2004



NA WEB
Galeria. Veja imagens clássicas do fotógrafo

estadao.com.br/e/cartierbresson